

Os impactos da pandemia de gripe espanhola para a educação entre 1918 e 1919	Rosinete Carioca Costa Secretaria Municipal de Educação de Teresina
--	--

## Resumo

Este artigo é uma revisão de literatura sobre estudos do Portal de periódicos da CAPES que abordam a gripe espanhola e os efeitos desta para a educação. Tem como objetivo analisar os impactos ocorridos na educação no contexto da pandemia de gripe espanhola entre 1918 e 1919. A pandemia suscitada pela gripe espanhola iniciou no começo do século XX. A doença respiratória vitimou entre 20 e 50 milhões de pessoas. A escolha do tema deve-se à necessidade de conhecer e repensar os impactos das pandemias em diferentes momentos históricos, com o intuito de entender os efeitos que produzem na educação. Os estudos bibliográficos partem dos seguintes autores: Araújo (2022), Schwarcz; Starling (2020), Toniolo (2001), Martins (2003), Gracino (2021); Santos (2021); Kolata (2002); entre outros. Os resultados demonstram que a pandemia de 1918 passou a ser mais estudada durante a pandemia causada pela Covid-19 em 2020. Entretanto, persistem lacunas a serem pesquisadas quando nos referimos as práticas educativas promovidas no ambiente escolar no contexto da gripe. A crise sanitária de 1918 acentuou as desigualdades sociais e submeteu a educação a sofrer impactos tanto momentâneos quanto duradouros. Na época, a ausência de adoção de políticas públicas para infância deixou este público desamparado.

**Palavras-chave:** Gripe. Pandemia 1918. *Influenza* espanhola. Educação no início do século XX.

The Impacts of the Spanish Flu Pandemic on Education between 1918 and 1919	Rosinete Carioca Costa Secretaria Municipal de Educação de Teresina
--	---

## Abstract

This article is a literature review of studies from the CAPES Journal Portal that address the Spanish flu and its effects on education. The aim is to analyze the impacts on education within the context of the Spanish flu pandemic between 1918 and 1919. The pandemic, triggered by the Spanish flu, began at the start of the 20th century. The respiratory disease claimed between 20 and 50 million lives. The choice of this topic stems from the need to understand and reconsider the impacts of pandemics at different historical moments, with the intention of comprehending the effects they produce on education. The bibliographic studies are based on the following authors: Araújo (2022), Schwarcz; Starling (2020), Toniolo (2001), Martins (2003), Gracino (2021); Santos (2021); Kolata (2002); among others. The results demonstrate that the 1918 pandemic began to be more extensively studied during the COVID-19 pandemic in 2020. However, gaps remain to be researched regarding the educational practices promoted in the school environment in the context of the flu. The 1918 health crisis exacerbated social inequalities and subjected education to both immediate and long-term impacts. At the time, the lack of adoption of public policies for childhood left this group unprotected.

**Keywords:** Flu, 1918 Pandemic, Spanish Influenza, Education in the Early 20th Century.

## Introdução

O presente artigo é uma revisão bibliográfica dos estudos que abordam a educação no contexto da pandemia de gripe espanhola entre 1918 e 1919. A pesquisa foi realizada a partir de publicações do Portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) no recorte temporal de 1997 a 2024, período este correspondente ao primeiro e último estudo divulgado pelo Portal de periódicos sobre a pandemia de 1918.

A revisão da literatura foi fundamental nesta pesquisa, ao situar o problema no contexto mais amplo da área de estudo, proporcionando uma compreensão mais profunda do tema, fornecendo uma base teórica sólida. Além disso, proporciona evidências e apoio lógico às conclusões e discussões apresentadas, dentro de uma perspectiva histórica sobre o desenvolvimento, ao contextualizar a evolução das práticas educativas ao longo do tempo. Justifica-se a escolha do tema devido a necessidade de conhecer e repensar os impactos das pandemias em diferentes momentos históricos, no intuito de entender os efeitos que essas produzem na educação.

Considerada a doença mais investigada do século XX, a gripe é uma doença antiga e fez milhares de vítimas durante muito tempo. O termo gripe “talvez venha do francês *gripper*, que significa parar de funcionar – a pessoa está bem num dia e, no outro de repente, sente calafrios, vêm a febre e as dores no corpo, a cabeça lateja e começa a tossir” (Schwarcz; Starling, 2020, p. 17). A enfermidade se tornou uma das mais estudadas. Toniolo considera a doença como “responsável por dezenas de milhões de mortes, e sendo, por isso, conhecida como a última grande praga” (2001, p. 5). Já o termo pandemia foi conhecido pela primeira vez, de fato, em 1580. Originado na Ásia, espalhou-se pela África e, em seguida, pela Europa de norte a sul em um período de seis meses, e daí à América. (Toniolo, 2001, p. 30). Entretanto, há estudos que comprovam que a gripe é uma doença milenar, pois 412 a.C., na Grécia, Hipócrates, o pai da medicina, falava de uma doença respiratória que durou algumas semanas, matou muitas pessoas e então, desapareceu. Foi a primeira descrição científica de influenza” (Toniolo, 2001, p. 19).

Outras epidemias também foram responsáveis por crises sanitárias no mundo, trazendo com elas sofrimento e desordem no cotidiano das pessoas. Na infestação por peste negra ou peste bubônica na idade média, “estatísticas tradicionais falavam que 1/3 da população europeia faleceu com a peste, mas estudos recentes têm apontado que a doença causou um impacto muito mais profundo na Europa. Eles têm afirmado que de metade a 2/3 da população europeia faleceu” (Santos *et al*, 2020, p. 05). Ao longo da história, o Brasil vivenciou outras pandemias, segundo Araújo (2022, p. 15) “suscitadas pela colonização e pelo tráfico de escravos, sendo introduzidas no país doenças provenientes de outros continentes, até então desconhecidas pela população local”. Como por exemplo, a epidemia de tuberculose (1549), da varíola

(1555, 1563, 1660, 1690, 1720 e 1740), da febre amarela desde meados do século XIV até 1849. E a cólera em 1855. Na segunda metade do século XX, o sarampo, a malária e a AIDS são também exemplos de momentos pestilentos.

Sobre as implicações de epidemias, Brito (1997, p. 13) ressalta que estas ultrapassam o estritamente biológico e são evidentes os impactos demográficos. Os efeitos de um evento cujas consequências mais notáveis são sentidas exatamente na esfera das relações cotidianas. Sobretudo, trazem consigo a ameaça de dizimação coletiva. Na pandemia de Covid-19, em 2020, por exemplo, a população teve suas relações sociais afetadas pelo isolamento social, na esfera educacional, o uso das tecnologias digitais, o ensino fora dos muros da escola e a importância da família para o processo de ensino e aprendizagem foram impactos evidentes. Para Schwarcz e Starling (2020, p. 17) cada um desses males guarda sua história, sua especificidade e desenvolvimento. Só o que há de comum é a maneira como a humanidade reage a eles. Ao longo de décadas, não se tem um preparo para vivenciar uma pandemia, tornando os efeitos negativos catastróficos.

Deste modo, pouco mais de 100 anos antes da propagação do coronavírus, o mundo se deparou com o surto que se tornou mundial em 1918. Em meio à Primeira Guerra Mundial, se desenvolveu uma doença respiratória letal para alguns. A doença propagou-se rapidamente no mundo e se tratava de uma infecção por vírus que ficou conhecida como *influenza hespanhola*. O termo *influenza* “nasce na Itália, pois lá ela normalmente aparecia no inverno, por influência do frio” (KOLATA, 2002, 16). Quanto ao termo espanhola, “nasce pelo fato de a Espanha se posicionar como país neutro na guerra e relatar oficialmente os primeiros casos de gripe” (MAUAD, 2020, p. 4). Porém, a gripe de 1918 recebeu diferentes nomes como “espanhola”, “terrível mal”, “pneumônica”, “mal reinante”, “gripe”, dentre outros.

Em virtude da Grande Guerra, designar uma doença com o nome do inimigo ou do estrangeiro é algo que se repete pelo menos desde a Idade Média. O surto de gripe de 1918 também era chamado pelo nome dos opositores da guerra. Tal como “os soldados alemães chamavam a peste de “febre de flandres” na Polônia, a “gripe de bolchevique”, na Pérsia, “gripe inglesa”, em San Sebastián, perto da fronteira com a França, “gripe francesa” (SCHWARCZ; STARLING, 2020, p. 14). Outra alcunha conhecida nesse contexto dramático é “bailarina” ou “dançarina da morte”. Schwarcz e Starling (2020, p. 35) afirmam que a virose recebeu este nome “porque dançava e se disseminava em larga escala, e deslizava com facilidade para o interior das células do hospedeiro e se alterava ao longo do tempo e nos vários lugares”. Estudiosos consideram também que a doença obteve este nome pela quantidade e rapidez de mutação do vírus.

A pandemia de 1918 durou até meados de 1919, de origem ainda não resolvida, sendo que neste período aconteceram três ondas. Inicialmente o hemisfério norte foi atingido com a primeira onda, considerada leve, no período de março a julho de 1918, que depois se espalhou globalmente. A segunda

onda durou aproximadamente de agosto de 1918 até o início de 1919. E uma terceira onda ocorreu entre fevereiro e abril de 1919 e foi de gravidade intermediária. (ALONSO *ET AL*, 2011). Não há um número exato de vítimas; os dados reais são imprecisos, entretanto, estudiosos apontam que em média 20 a 100 milhões de pessoas morreram; em média 600 milhões, quase um terço da população foi contaminada na época, estima-se que o número de habitantes no mundo era de 2 bilhões. A pandemia foi “considerada a maior da história do século XX, matou tanto em tão pouco tempo, ao passo que a guerra matou 8 milhões, alguns supõem que adoeceram entre 80 e 90% dos habitantes do planeta” (MARTINS, 2003, p. 106). Os motivos da ausência ou incerteza dos dados reais, segundo Kolata (2002, p. 17), provém do fato de “muitos lugares atacados pela gripe não apresentarem estatísticas de mortalidade”. Este contexto tem gerado desafios para os historiadores e estudiosos do assunto, muitos caracterizam a epidemia como misteriosa ou mesmo pandemia esquecida.

No Brasil, a gripe chegou na terceira onda, entre agosto de 1918 e fevereiro de 1919. Gracino (2021, p. 2) considera que o país estava despreparado, sem conhecimento científico e técnico para conter a doença que contagiou principalmente pessoas pobres. Estudiosos indicam que os primeiros infectados “estejam relacionados ao desembarque do navio Demerara, proveniente de Liverpool e Lisboa, que aportou no Recife em setembro de 1918. Ele realizou, posteriormente, escalas em Salvador e Rio de Janeiro” (ARAÚJO, 2022, p. 35). A crise sanitária teve início nas cidades portuárias e depois o vírus foi percorrendo o interior do Brasil.

Outro aspecto observado é que as “camadas populares viviam em condições insalubres, ausência de serviços básicos (água, esgoto e luz) e a falta de acesso à assistência hospitalar explicam o maior número de vítimas em meio à população carente” (SCHWARCZ; STARLING, 2020, p. 67). Além disso, Araújo (2022, p. 35) aponta que a onda de gripe “causou colapso, ocupação das casas de saúde, em algumas cidades houve colapso funerário por falta de caixões e coveiros”. As medidas sanitárias adotadas são as mais variadas em diferentes cidades, não havia um padrão de organização destas pelo poder público. No Rio de Janeiro, por exemplo, “proibiram-se aglomerações, fecharam-se fábricas, faltavam alimentos, remédios e leitos” (ARAÚJO, 2022, p. 35). Escolas foram fechadas e outras transformadas em postos de socorro.

## **A PANDEMIA DE GRIPE ESPANHOLA ENTRE 1918 E 1919.**

Neste trabalho foram analisados os estudos que abordam como a educação foi afetada pela circulação acelerada do vírus da *influenza* espanhola em 1918. Para isto, utilizaram-se estudos publicados no Portal de periódicos da CAPES entre os anos de 1997 e 2024. Intervalo este, da primeira publicação divulgada até a última sobre a gripe de 1918 no referido portal. A pesquisa ocorreu durante o mês de junho

de 2023 a março de 2024. Na busca, utilizou-se o termo “gripe espanhola”, sendo encontrados 221 resultados, publicados entre 1991 e 2024. A maior parte dos artigos está publicada na língua inglesa (174 artigos) seguida de 96 na língua portuguesa e 11 na língua espanhola. Quanto aos assuntos indicados pela plataforma, se destacam “gripe espanhola” (31), “*history*” (23), “Covid -19” (22), “*Spanish Flu*” (19) e “*History & Philosophy Of Science*”, seguidos de “*pandemic*” (14), “*epidemia*” (11) e “*influenza*” (11). Verifica-se que os artigos não trazem em seus títulos, ou não está evidente, o termo “educação”. Quando se busca no portal o termo “*Influenza* espanhola”, o número de publicações diminui para 96 resultados, revelando a preferência pelo uso do termo gripe espanhola nos diferentes estudos.

Quando se utiliza o filtro refinamento para verificar quais dos 221 artigos foram publicados antes, durante e após a pandemia do coronavírus, constatou-se que 101 foram publicados entre 1991 e 2019, recorte temporal que equivale a 28 anos, em média três publicações por ano. No período correspondente a emergência sanitária por coronavírus entre 2020 e 2022, de acordo com a Portaria N° 913, que declara o encerramento da Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN) em decorrência da infecção humana pelo novo coronavírus (BRASIL, 2022), identificam-se 100 artigos. Ou seja, em três anos foram publicados em média 33 artigos referentes à pandemia de gripe espanhola. Em seguida, verifica-se que, após o encerramento da emergência sanitária por Covid-19 no Brasil, correspondendo ao período entre 2023 e 2024, foram lançados na plataforma 20 artigos sobre a pandemia de 1918. Deste modo, há incidência maior na publicação de artigos que estudam a *influenza* espanhola no período de infecção por Covid-19 entre 2020 e 2022.

Historiadores consideram que a pandemia de 1918 passou a ser estudada com mais frequência durante a pandemia de 2020, quando o mundo inteiro sofria com a infecção, e na tentativa de compreender os momentos epidêmicos, estudiosos de todo o mundo buscaram aprofundar os estudos científicos sobre as pandemias que antecederam a Covid-19. Com relação a isto, El-Dine; Mello (2021, p.17) sinalizam que a presença de historiadores na imprensa durante a pandemia de 2020 foi mais significativa do que em outras epidemias, nas quais a gripe espanhola emergiu como referência. Foi constantemente reiterada a ideia de que o conhecimento histórico poderia tanto nos orientar no presente quanto apontar caminhos para o pós-pandemia. Nesse sentido, percebe-se que pesquisadores passaram a investigar com mais frequência a história da pandemia por gripe espanhola para entender o momento de crise que se instaurou em consequência da disseminação do coronavírus.

Ao realizar nova pesquisa no portal, utilizando o termo gripe espanhola vinculado ao termo Brasil, o resultado obtido apresentou registros para o período entre 1991 e 2023, totalizando 86 resultados. Dentre estes, 27 artigos não retratam a pandemia de Covid-19 e não o termo utilizado na busca. Sendo que 26 artigos estão duplicados. Em razão disto, desconsidera-se para a análise desta pesquisa a soma de 53 artigos;

com isto, restaram 33 publicações com títulos que contemplam a pandemia de 1918 no Brasil, elencados a seguir:

**TABELA 1 – Ano de publicação das pesquisas sobre a gripe espanhola no Portal de periódicos da CAPES.**

Ano de publicação (artigos)	Quantidade de pesquisas sem duplicação
1997	1
2005	3
2008	1
2009	2
2010	1
2016	2
2017	1
2020	2
2021	10
2022	6
2023	4
<b>Total</b>	<b>33</b>

**FONTE:** Elaborado pelas autoras, 2024.

A partir da análise do quadro acima, foram publicados mais artigos em 2021, seguidos de seis em 2022 e quatro em 2023. Evidenciando o maior número de estudos durante a pandemia por coronavírus, com soma de 18 artigos entre 2020 e 2022. Quanto a área de estudo, 27 artigos são da área de história, sendo que duas perpassam pela área do direito, uma literatura e uma religião. Quatro periódicos são da área da saúde, destes, dois são da área da saúde coletiva. Das 33 publicações acima, nenhuma trata ou aborda diretamente o tema educação, tão pouco retratam a esfera educacional no contexto da pandemia de 1918.

### **A EDUCAÇÃO NO CONTEXTO DA GRIPE ESPANHOLA ENTRE 1918 E 1919.**

Problematizar a educação no contexto da gripe espanhola é um desafio, uma vez que os estudos que abordam estes dois temas ainda são raros. É necessário aprofundar as discussões acerca da temática da educação na pandemia de 1918. Na tentativa de obter resultados sobre a educação recorreu-se ao Portal de Periódicos e, utilizando o termo “gripe espanhola e educação”, obtiveram-se 34 resultados divulgados no intervalo de 2001 e 2024. No entanto, durante a análise, verificou-se uma quantidade significativa de artigos duplicados, muitas vezes mais de uma versão na língua portuguesa e/ou inglesa, totalizando sete artigos repetidos. Exclui-se também 18, pois, após a leitura dos referidos resumos, é possível concluir que estes

Os impactos da pandemia de gripe espanhola para a educação entre 1918 e

1919

não abordam o tema educação no contexto da *influenza*. Sendo assim, considera-se um total de 10 publicações para realização da análise mais detalhada, como se verifica na tabela abaixo:

**TABELA 2 – Artigos sobre a gripe espanhola e a educação (CAPES)**

Nº	AUTOR	TÍTULO	PERIÓDICO	ANO
1	Oliveira, C; Silva, R. J. A. da; Serafim, T. M.	<a href="#">Pandemias e infância: um olhar para a pequena infância nas crises sanitárias (1918-2020) na perspectiva da cultura material.</a>	Revista Brasileira de História da Educação	2024
2	Figueredo, Eluana Borges L. de; <i>et al</i>	Influenciadores da desinformação nas pandemias de gripe espanhola e Covid-19: um estudo documental.	Revista Brasileira de Educação Médica	2022
3	Santos, Ademir Valdir	<a href="#">Escolas como postos de socorro: instituições escolares na epidemia de gripe espanhola no Rio de Janeiro (1918).</a>	Revista Brasileira de História.	2021
4	Venâncio, André L. J; Mignot, Ana C.	<a href="#">O Pandemônio de 1918: Testemunho de um médico para a posteridade</a>	Educação em Questão	2020
5	Ribeiro, Anna C; Marques, Maria C; Mota, André	<a href="#">A gripe espanhola pela lente da história local: arquivos, memória e mitos de origem em Botucatu, SP, Brasil, 1918</a>	Interface	2020
6	Martins, Liane M. B; Silva, Silvana C. H. P. Da	<a href="#">A gripe, os órfãos e a educação para o trabalho no asilo São Luiz de Curitiba (1918-1937).</a>	Revista Brasileira de História da Educação	2014
7	Martins, Liane M. Bertucci	<a href="#">Ciências da cura: Debates, embates, educação popular no final dos anos 1910.</a>	Esboços	2007
8	Martins, Liane M. Bertucci	Entre doutores e para os leigos: fragmentos do discurso médico na influenza de 1918.	História, Ciências, Saúde-Manguinhos	2005
9	Martins, Liane M. Bertucci	<a href="#">Memória que educa: Epidemias do final do século XIX e início do XX.</a>	Educar em Revista	2005
10	Martins, Liane M. Bertucci	"Conselhos ao povo": educação contra a influenza de 1918.	Cadernos CEDES	2003

**FONTE:** Elaborado pelas autoras, 2024.

A partir da tabela, se destaca a historiadora Liane Maria Bertucci Martins, que por volta de duas décadas aborda a educação em circunstância da pandemia de 1918. A tabela demonstra que a pesquisadora apresenta a problemática antes da pandemia de 2020. Tendo publicado entre 2003 e 2014 diferentes artigos contemplando discussões que envolvem a educação e a saúde em diferentes pandemias durante os séculos XIX e XX, os quais serão analisados mais adiante.

Dos periódicos da tabela, o mais atual foi publicado em 2024. Trata-se do artigo de Oliveira, Silva e Serafim (2024), intitulado [Pandemias e infância: um olhar para a pequena infância nas crises sanitárias \(1918-2020\) na perspectiva da cultura material.](#) O estudo versa sobre as relações e concepções higienistas de saúde e assistência, temas precursores da creche enquanto instituição de atendimento à infância. E analisa as medidas e protocolos de enfrentamento a gripe espanhola no interior de uma instituição para crianças pequenas na cidade de São Paulo em 1918 e na pandemia por coronavírus em 2020. O artigo faz o recorte temporal entre 1918 e 1919, analisando as atas de reuniões da creche Baronesa de Limeira, localizada na

cidade de São Paulo. A creche surgiu no início do século XX e destinava-se aos cuidados para das crianças pobres da época. O período foi marcado pelo aumento populacional nos grandes centros urbanos, dado que ocasionou uma série de problemas sociais, dentre eles o desemprego, a pobreza, altas taxas de mortalidade ou abandono infantil. Para as autoras, neste contexto, a elite da sociedade brasileira passou a atuar nos problemas sociais emergentes e criou instituições sociais que, em certa medida, higienizam as cidades e promovem o ordenamento e o controle da população pobre.

Embora a creche Baronesa de Limeira permaneça em atividade atualmente, seu modelo de atendimento foi alterado à medida que a educação para crianças pequenas se modificou por questões de âmbito social e/ou política educacional. Para Kulhmann Jr. (2015), desde finais do século XIX, os serviços prestados ao atendimento da criança pequena se articulavam às iniciativas jurídico-policia, médico-higienista em meio as práticas religiosas da época. Na creche Baronesa de Limeira, o atendimento era pautado na ética e costumes religiosos. A instituição propôs atendimento e assistência à infância nos aspectos de saúde e higiene um ano antes da pandemia de gripe com a criação de um laboratório médico em suas dependências e a presença de médico-higienista em meio as práticas cotidianas da instituição.

As autoras ressaltam que mesmo com a história de vinculação à assistência, não é possível negar um viés educativo nas práticas das creches. Afinal, a partir do momento em que demarca um atendimento pautado na moral cristã, não há dúvida sobre o fato de que tinha determinada forma de cuidar e, conjuntamente, educar as crianças. Acrescentam ainda que alguns impactos da pandemia na instituição, dentre eles, a suspensão de atividades e reuniões, a prática de confinamento de crianças e funcionários para evitar contato exterior e contágio das crianças abrigadas e a criação de uma sala de isolamento. Essas ações visavam isolar as crianças que manifestassem alguns sintomas de qualquer doença infecciosa, de modo a não representar risco sanitário ao ambiente da instituição. No entanto, houve contaminação dos médicos que trabalhavam na creche. Fazendo com que o atendimento fosse realizado através de telefone pela irmã superior durante os dias de afastamento do serviço médico.

O estudo considera que as medidas adotadas foram cruciais, pois a instituição tinha um potencial fluxo e concentração de pessoas que poderiam tornar o ambiente propício para disseminação do vírus. Aponta ainda que o relatório anual de alguns dos números relacionados à mortalidade no contexto da gripe demonstrou o número de 146 óbitos de menores de dois anos em uma semana, durante o mês de dezembro, na cidade paulista. Enquanto a mortalidade na creche foi de seis entre 1918 e dezembro de 1919.

Para as autoras, a discussão se inclina às questões relacionadas às práticas pedagógicas da educação infantil ao longo da história e problematiza as interferências do campo médico higienista como elemento constituinte do fazer educacional, expresso pela marcada preocupação com o controle, a limpeza e a higienização dos corpos infantis.

No segundo artigo da tabela 2, Figueredo; et al (2022) buscam compreender aspectos da propagação de informação falsa nas pandemias por gripe espanhola e Covid-19. Para os estudiosos, ao olhar para a pandemia 1918, notamos que a história é viva e reverbera no futuro, pois “com a pandemia de 2020 reaparecem os velhos problemas de desinformações, tais como: boatos, receitas milagrosas, medicamentos sem comprovação científica, teorias conspiratórias entre outros” (FIGUEREDO *ET AL*, 2022, p.02). O artigo aponta para a urgência de o setor saúde compreender o fenômeno da desinformação no passado para entendê-la no tempo presente. E assim, elaborar medidas educativas concretas de intervenção, já que tais desordens informacionais geram um problema de desconfiança.

Destaca ainda que a formação em saúde pode ajudar os profissionais a compreenderem o fenômeno, para atuarem como influenciadores de informação baseada em evidências científicas. A formação contínua do profissional agrega no seu desenvolvimento profissional, pois o “desenvolvimento profissional tem uma conotação de evolução e continuidade” (GARCIA, 2009, p. 09). A formação contínua é aquela que o profissional busca durante todo o seu desenvolvimento profissional. Neste sentido, ela pode tornar-se aliada dos profissionais da saúde e configurar mais segurança para combater os males que uma notícia falsa pode causar.

No artigo intitulado “*Escolas como postos de socorros: instituições escolares na epidemia de gripe espanhola no Rio de Janeiro (1918)*”, Santos (2021), utilizou edições do jornal *Correio da Manhã* para identificar impactos da disseminação da gripe espanhola em instituições escolares na cidade do Rio de Janeiro. Os resultados demonstraram que várias escolas foram fechadas e transformadas em postos de socorro. Em consequência disso e da carência de profissionais da saúde, os professores foram solicitados a atuar diretamente nestes postos de socorro, atribuindo-lhes novas funções. Essas ações sinalizam a incorporação de mudanças temporárias na finalidade social da escola e atuação docente, pois quando a crise sanitária se encerra, estas mudanças se desfazem e retomam seu estado inicial. Santos acrescenta que os exames finais para promoção de estudantes foram interrompidos, sendo realizadas as aprovações por média anual.

Outro aspecto observado foi o adiamento dos exames preparatórios do ensino superior e o benefício aos alunos do curso de medicina que trabalharam na assistência à população durante a pandemia.

Venâncio e Mignot (2020), no artigo intitulado [\*O Pandemônio de 1918: Testemunho de um Médico para a Posteridade\*](#), falam da pandemia de gripe, a partir do livro *O Pandemônio de 1918*, inscrito pelo médico Moncorvo Filho, publicado em 1924, pelo departamento da criança no Brasil, na cidade Rio de Janeiro. Segundo os autores o livro aborda um testemunho do médico que assumiu uma posição de destaque no combate à gripe espanhola, pois denunciava os problemas sociais e a falta de condições sanitárias que dificultavam a ação naquele momento. Ele deixou registrado as dificuldades que enfrentava o poder

público, médicos, cientistas e, em particular, o Instituto de Proteção e Assistência à Infância (IPAI), órgão por ele criado para cuidar de crianças, a partir de práticas que vinha desenvolvendo em suas pesquisas. Além disso, pretendia enfrentar os problemas da infância, tais como os altos índices de mortalidade infantil no Brasil.

Para Venâncio e Mignot (2020), Moncorvo Filho estava inserido no movimento denominado de *nacionalismo militante*, neste “os intelectuais não se importavam com a origem social ou profissional a qual se vinculavam, mas usavam sua formação e campo de atuação para propor caminhos, visando a superação dos problemas que assolavam o Brasil” (VENÂNCIO; MIGNOT, 2020, p. 04). Esses missionários se articulavam para criar um ideário que pudesse ser construído a partir de uma nova tradição, com a inserção de novas práticas que se alinhassem as dos países europeus, norte-americanos e ao movimento higienista surgido na segunda metade da década de 1910.

Moncorvo atuou em iniciativas com foco no combate ao analfabetismo, na fundação de um curso popular de higiene infantil em 1915, na criação e participação em diversas instituições de cunho científico. O que evidencia interesse com a questão social, com especial atenção à infância, pois considerava que as crianças, em sua maioria, viviam sem noções básicas de higiene, o que contrariava todas as nações científicas e sociais que se esperava para o desenvolvimento de uma vida mais digna.

Desse modo, empenhava-se propondo medidas para a infância, divulgando trabalhos no campo do higienismo ou comentando a pandemia. Assim, a proteção à infância na agenda do médico “tinha por objetivo intervir na vida das crianças para impedir que fossem acometidas desses males. Em seus projetos constava a pauta de instruir as famílias para os cuidados higiênicos e profiláticos, a partir do ensino de puericultura, medicina caseira e educação doméstica” (VENÂNCIO; MIGNOT, 2020, p. 04).

Moncorvo Filho e profissionais como médicos, enfermeiros e voluntários levavam remédios e ajudavam no combate à doença e ensinavam práticas de higiene para a população que não tinha acesso à educação. Estas práticas educativas tiveram efeito satisfatório na contenção da quantidade de mortos pela doença.

O artigo demonstra que havia preocupação em incentivar ações de assistência à infância, pois o público infantil mais pobre enfrentava problemas de altos índices de mortalidade. Assim, incentivou-se a adoção de práticas educativas de higiene para combater a gripe entre a população mais pobre que sofria com a precariedade de saneamento, serviços de saúde e educação.

Ribeiro, Marques e Mota (2020), no artigo intitulado *A gripe espanhola pela lente da história local: arquivos, memória e mitos de origem em Botucatu, SP, Brasil, 1918*, propõem desconstruir as ideias, as singularidades e capturar as representações e expectativas sobre a passagem do vírus da gripe na cidade paulista.

Deste modo, destacam-se alguns aspectos considerados mais relevantes quanto a desconstrução destes mitos pautados pelo artigo. O primeiro deles é o discurso progressista e linear de desenvolvimento afetado pela pandemia. Muito se falava acerca da excepcionalidade sanitária paulista, o quanto o Estado seria o único capaz de empreender um projeto civilizador. Inclusive, estava presente nas práticas que cercaram as instituições escolares em torno da sociedade paulistana na Primeira República. Mas durante a pandemia de 1918 foram identificados os lugares ocupados pela Saúde e pela Educação. Com relação a isto, enquanto “as ações e discursos empregados na formação de crianças e normalistas pregavam a disseminação de valores e comportamentos afeitos à urbanização, à industrialização e ao nacionalismo” (RIBEIRO; MARQUES; MOTA, 2020, p. 5). Mais tarde, estas ações e discursos são abalados quando a *influenza* entra em cena, pois a escola normal em Botucatu teve seu edifício transformado em hospital provisório durante a epidemia.

A investigação aponta ausência de políticas públicas de conservação, preservação e disseminação de arquivos históricos em Botucatu. Como destacam os autores, “os acervos em sua maioria encontram-se dispersos e com materialidade comprometida, fragmentados em suas séries e sem tratamento arquivístico” (RIBEIRO; MARQUES; MOTA, 2020, p. 3). Para os autores, a dispersão de fontes ou a interrupção destas revelam o modo “como o passado encontra-se articulado na construção e reconstrução da memória local, refletindo o que se pretende preservar em torno de discursos e representações, na luta pela dominação da recordação e tradição” (RIBEIRO; MARQUES; MOTA, 2020, p. 3). A seleção, ocultação ou mesmo destruição de vestígios históricos pelo poder público denota o controle do registro e da memória, por meio de retenção de fontes, ao mesmo tempo que constrói narrativas sobre a identidade individual e coletiva.

Neste sentido, os discursos introduzidos pelos veículos de comunicação da época alimentavam ideias de que o espaço urbano era isento de conflitos e tensões sociais, ideias reafirmadas pela elite local. O jornal *Correio de Botucatu*, por exemplo, era escrito sob forte influência de um político e continha em seu escopo editorial a representação da cidade sob a ótica dos setores dominantes. Os autores do artigo em questão reinscrevem os documentos históricos em seu tempo, decifrando o acontecimento da palavra em seus trajetos. Sobre a construção histórica, Luca (2022, p. 30) nos fala que está “não revela verdades para sempre estabelecidas, que assim como o presente, o passado comporta múltiplas possibilidades, razão pela qual o discurso historiográfico é marcado pela mutabilidade”. Os momentos históricos estão sujeitos a alterações e interpretações.

Outro fato notado pelos autores era o pouco destaque ocupado pela grave doença nas edições do jornal *O Correio de Botucatu*. Porém, a conveniência, suposto controle de informação e silenciamento foi barrado, quando a gripe causa a morte do principal editor em meados de novembro. Outro aspecto, era a cidade de Botucatu na época ser considerada com localização privilegiada e sob o comando da elite local.

Era caracterizada como uma cidade linda, rica, próspera, atraente e mais populosa do planalto ocidental. “Proclamou-se livre de doenças pelo clima, pela profusão de associações de benemerência, aparato médico-sanitário e equipamentos republicanos dos quais dispunha, mitificando-se em torno de um território promissor, aprazível e salutar, no imaginário paulista” (RIBEIRO; MARQUES; MOTA, 2022, p. 07).

Porém, as epidemias do final do século XIX e início do XX fizeram crianças e jovens suas principais vítimas. Fato este que, segundo autores, culminou na instalação da primeira Delegacia Estadual de Saúde de Botucatu. Contudo, três meses após a instalação do órgão, a gripe espanhola se propagou, fragilizando os discursos em volta do destaque regional que a cidade ocupava, os elogios às condições climáticas e de higiene, a assistência institucionalizada, as relações do poder local com o governo estadual, inclusive a ideia de que as forças do vento barrariam a epidemia. (RIBEIRO; MARQUES; MOTA, 2020, p. 08)

O artigo ressalta que instituições religiosas contribuíram na assistência local aos enfermos. No entanto, destaca também as contradições, as motivações e soluções encontradas pela elite junto a Igreja Católica, no enfrentamento às endemias e à pobreza. Além disto, o auxílio do poder público à estas instituições e a versão oficial divulgada pelos gestores públicos sobre a epidemia da *influenza* na cidade, que ao se deparar com a crise sanitária, demonstrou sua fragilidade em barrar os altos índices de infectados pela doença.

Os autores concluem ressaltando que o número de infectados e mortos pode ser maior que os dados apresentados, pois a crise instaurada demonstrou fragilidade dos serviços públicos de saúde e culminou na interrupção dos Correios, causando a subnotificação dos casos de gripe, dos registros de óbitos e de enterramentos ou mesmo o apontamento errôneo da causa mortis nos cartórios civis. Revela ainda que a história da gripe espanhola ainda se apresenta como campo a ser explorado por historiadores, principalmente ao possibilitar a comparação das ideias e modelos de saúde propostos, executados ou não pela agenda sanitária paulista na Primeira República. Assim como sinalizam as contradições elencadas para a desconstrução das ideias que dificultam a compreensão do passado e o enfrentamento das injustiças constitutivas ao longo da formação sócio-histórica.

Já Martins e Silva (2014) realizaram um estudo sobre o Asilo São Luiz em Curitiba, no Paraná, fundado após a pandemia de 1918, para acolher adultos e crianças que tiveram todos os parentes mortos pela *influenza* e oferecer aulas de ensino primário e profissionalizantes. O estudo problematiza as últimas décadas do século XIX e início do século XX, período que abarca o fim da escravidão e a implantação do regime republicano. Neste período, os discursos apontavam uma preocupação educacional, pois crianças e jovens vagavam pelas ruas do Rio de Janeiro em situação de desamparo. Neste momento, “ganha ênfase o conceito de trabalho como possibilidade de redenção humana, fonte de riqueza e criação, força moral e dignidade” (MARTINS; SILVA, 2014, p. 108). Isto se desencadeou no esforço de transformar menores

órfãos, abandonados ou delinquentes, vários deles negros ou mestiços, em trabalhadores. Educar aparecia como meio tanto para a manutenção da sociedade, quanto para seu desenvolvimento e prosperidade futura.

Aos poucos, as autoridades governamentais criavam as escolas profissionalizantes com o intuito de ensinar os ofícios manuais e mecânicos mais convenientes para as regiões nas quais estavam localizadas. O artigo aponta que na época viviam na capital paranaense muitos imigrantes que chegaram atraídos pela possibilidade de trabalho. No entanto, "muitos não possuíam capacitação adequada para as vagas de trabalho disponíveis, aumentando o número de desocupados, biscateiros e mendigos e, o que muitos consideravam mais grave, era grande a quantidade de menores entre eles" (MARTINS; SILVA, 2014, p. 109).

Com a chegada da pandemia de 1918, os problemas sociais se ampliaram, despertando a iniciativa de religiosos na criação de instituições de amparo. O asilo oferecia cursos profissionalizantes de marcenaria, sapataria e alfaiataria. Alguns saíram da instituição com emprego garantido, outros atuaram como autônomos no final de 1934. Para a criação, manutenção e ampliação das oficinas, as Irmãs do Asilo São Luiz recorreram diversas vezes ao governo estadual, aos políticos paranaenses e aos moradores de Curitiba.

De acordo com os livros de registro da instituição, entre 1919 e 1937, foram atendidas 354 crianças e jovens. Desse total, 271 eram brancos, 42 morenos, 21 pardos e 20 negros. Neste sentido, a quantidade de abrigados brancos superava mais da metade dos menores e jovens atendidos, a clientela de negros, morenos e pardos soma 83 abrigados. Portanto, o estudo demonstra que a iniciativa foi tomada em consequência da pandemia, ocasionando um impacto duradouro para a educação, uma vez que o orfanato nasceu em virtude da crise sanitária e perdurou. As práticas de ensino desenvolvidas dentro do asilo demonstram a articulação efetiva de formação para o trabalho com início na infância. Porém, demonstra a desigualdade no atendimento à população negra.

No artigo, "*Ciências da cura: Debates, Embates, Educação popular no Final dos anos*" 1910, Martins (2007) analisa os discursos elaborados por profissionais da saúde no período da gripe, expondo as concepções de ciência médica de dois grupos que procuravam educar a população de São Paulo. Consta que após o ano 1890, cientistas da área da saúde tentavam ampliar sua atuação social. Era cada vez mais crescente a publicação de estudos que divulgavam preceitos sobre doenças e cura. As práticas de curandeiros, sangradores e parteiras começaram a ser desconsideradas como atividades legalizadas, pois há séculos atuavam entre enfermos e necessitados. Segundo a autora, em 1910 começam a tornar-se evidentes os estudos voltados para alopatria e homeopatia. O primeiro é considerado medicina tradicional, nele "os medicamentos são utilizados para tratar as patologias por meio de ações contrárias aos sintomas." Por exemplo, para febre, utiliza-se antitérmico; para dor, analgésico; e contra infecção bacteriana, antibiótico" (ROSENBAUM, 2005, p. 42). O segundo trata-se de uma "abordagem terapêutica que busca estimular a

capacidade de autocura do organismo, usando doses extremamente diluídas de substâncias naturais” (ROSENBAUM, 2005, p. 42). ]

No entanto, a autora define que ambos os debates “defendiam as ações científicas na tentativa de educar as pessoas, instruindo-as sobre procedimentos que julgavam adequados para amenizar dores e acabar com enfermidades” (MARTINS, 2007, p. 74). É importante notar que o papel dos dois grupos no momento de crise, para aliviar o sofrimento das vítimas e instruir a população nos princípios das suas ciências pode ter sido essencial. Mas, para os leigos, muitas vezes, pouca diferença fazia entre homeopatia ou alopatia, para população mais pobre, o importante era conseguir um medicamento para acabar com a doença.

No artigo seguinte, cujo título é *Entre doutores e para os leigos: fragmentos do discurso médico na influenza de 1918*, Martins (2005) descreve duas indicações para o tratamento dos doentes no período de infecção por *influenza*, as prescrições aprovadas pela Academia Paulista de Medicina e a ‘mercurialização’. A estudiosa busca ordenar saberes sobre a gripe espanhola e os debates a respeito dos tratamentos que explicitavam tanto a forma como o discurso médico-científico era elaborado quanto o seu crescente hermetismo para o entendimento popular. Quando a gripe de 1918 começou a se espalhar pela cidade de São Paulo, o “Serviço Sanitário do Estado,” informava que se tratava de uma enfermidade para a qual não pode haver profilaxia eficaz, regional ou local, toda ela deve ser individual” (MARTINS, 2005, p. 144). Foram divulgadas práticas educativas de higiene e cuidados pessoais.

Com o anúncio das primeiras vítimas da gripe, os médicos e governantes começaram a ser criticados pela imprensa. O número de mortes se elevava, debates foram promovidos pelo governo na tentativa de reordenar os serviços até então realizados. Junto a isto, uma gama de remédios foi aprovada pelas autoridades sanitárias. Porém, fabricantes passaram a anunciar que seus produtos combatiam a gripe espanhola, utilizando muitas vezes a mesma linguagem manipulada para comercializar poções sem aprovação científica. Neste sentido, aos poucos foram adotadas ações pontuais, com o intuito de frear anúncios de remédios que se apresentavam como milagrosos. Um movimento que substituía a palavra “cura” por “indicado” e uso de termos de maneira pouco eficiente para socorrer as pessoas sem instrução.

A autora defende que a especialização da fala médica, os espaços privilegiados para aquela fala, a comunicação entre pares e com aqueles considerados leigos não surgiram com a epidemia, mas ganharam uma visibilidade ímpar naquele período. Martins (2005, p. 155) explica que a pandemia de 1918 “apontou a diferença entre aquela fala especializada, já usada entre médicos, e a outra, para os leigos, que divulgava termos facilitadores da instrução das pessoas e buscava educar os indivíduos como pacientes (dependentes?) do saber médico”. O discurso médico, muitas vezes, possui uma linguagem mais complexa e que dificulta o entendimento, principalmente entre os leigos do assunto. Quando esta linguagem se aproxima do saber popular, ela se torna acessível a população mais simples e sem instrução. Neste sentido, esta preocupação

em fazer as pessoas entenderem os debates envolva da gripe auxilia na obtenção de medidas mais assertivas por parte da população. Ademais, a hospitalização dos doentes foi cada vez mais incentivada e as práticas educativas intensificadas, contribuindo para a queda dos índices de mortalidade. Martins (2005) também aponta que a discussão sobre a utilização do mercúrio no combate à *influenza* espanhola também mobilizou diversos médicos da academia, todos foram contra, pois, segundo estes, quem fez uso de injeção de mercúrio não se curou da gripe e uma pessoa faleceu. Contudo, havia “estudos que comprovavam o uso do mercúrio sublimado, isto é, cristalizado (sais de mercúrio), com alto grau de pureza, tanto como preventivo quanto curativo da gripe espanhola, inclusive de sua forma mais terrível, a pneumônica. Era a *mercurialização*” (Martins, 2005, p. 156). Com isto, o discurso dos que defendiam este tipo de medicamento e outros doutores era acirrado, as desavenças estavam cada vez mais frequentes entre os médicos. O artigo demonstra a importância dos debates científicos, porém naquele momento, pessoas infectadas precisavam de segurança no uso de medicamento e mais, seguridade científica.

Já o artigo *Memórias que educam: epidemias do final do século XIX e início do XX* de Martins (2005), investiga como a memória da epidemia de febre amarela esteve presente nas ações e reações da população de Campinas, em São Paulo, desde as primeiras informações sobre a gripe espanhola. A febre amarela representou, entre as enfermidades endêmicas, a que primeiro mobilizou atenções nitidamente apreensivas quanto ao futuro econômico do estado de São Paulo. Ela marcou tão profundamente os moradores de Campinas, que nomes de praças, ruas e avenidas homenageiam desde então muitos daqueles que atuaram para minorar o sofrimento dos campineiros em 1889. A lembrança também foi ostentada “no brasão da bandeira de Campinas, que carrega a figura lendária da *Phenix* egípcia, é um símbolo da localidade renascida após a epidemia de 1889” (MARTINS, 2005, p. 76).

Estudos científicos anunciaram que o agente causador da doença era o mosquito *Aedes aegypti*. Para conter a doença, a Comissão Sanitária de Campinas adotou estratégias usadas em outras cidades que eliminavam o ciclo de vida do mosquito. Os resultados foram satisfatórios, repercutiu internacionalmente, ganhando legitimidade e adeptos. Em consequência das práticas adotadas, a epidemia de febre amarela desapareceu e as condições de salubridade do local melhoraram sensivelmente a vida dos campineiros.

Entretanto, a triste lembrança da virulência da epidemia de febre amarela ainda permanecia viva na memória dos habitantes da cidade, que eram diariamente educados sobre os desastres que uma epidemia pode causar. Contudo, em setembro de 1918, os moradores da cidade receberam as primeiras notícias de uma nova epidemia na cidade. Nesta época, os jornais anunciavam da seguinte maneira: “Campinas gozava de “lisonjeiro estado sanitário” e combatiam incansavelmente aqueles que se divertiam, incutindo pânico na população. Era necessário não se abater e afastar os pensamentos negativos, pois isso dificultaria o ataque da gripe epidêmica” (MARTINS, 2005, p. 77). Em contraponto, existiam problemas que poucos

queriam admitir que facilitavam a propagação da gripe, como a falta de água, péssimas condições higiênicas em bairros e cortiços. Assim, quando o número de doentes na cidade de São Paulo começou a crescer, autoridades de Campinas mandaram publicar no jornal instruções para educar informalmente a população para combater a gripe. Com o avanço da doença pelo país, a assistência médica não era suficiente para conter as demandas. Foi realizada mobilização e a educação foi um instrumento utilizado para conscientizar a cidade. Junto a isto, autoridades tomaram medidas por meio de projeto e votado como lei para conter a gripe. Com auxílio de entidades locais públicas e particulares, foi feita a ampliação de atendimento médico, de leitos para indigentes, organização dos hospitais de isolamento, postos de socorros, suspensão de aulas, distribuição de remédios, refeições e alimentos, interdição de vendas de frutas e sorvetes. Incluía também dieta leve, repouso, uso de remédios populares e os indicados pelos médicos em caso de sintomas. Houve fiscalização para coibir aumento dos preços dos alimentos, fiscalização na comercialização de produtos e aumento de pessoas trabalhando no setor de limpeza, para colaborar com a salubridade e saúde da comunidade. Para as autoridades, o isolamento social e a profilaxia individual eram cruciais no enfrentamento da doença. Após a onda da pandemia, o número de mortos foi considerado mínimo.

Ao final, a autora indaga sobre como a educação informal e cotidiana dos campineiros a respeito da pandemia, foi decisiva no período. Pelo fato de as autoridades tentarem educar a população com medidas e experiências passadas, como a epidemia de febre amarela. Assim, entende-se que as autoridades, instituições privadas e a população tomaram medidas assertivas para frear a infecção e obter resultados satisfatórios no controle da doença. A prática de educação informal parece ter exercido um papel decisivo na construção de práticas educativas de cuidados e higiene para população da cidade.

Do mesmo modo, no artigo "*Conselhos ao povo*": *educação contra a influenza de 1918*, Martins (2003) defende que a educação poderia ajudar a evitar a propagação do vírus da *influenza* entre as classes populares, com orientações de cuidados e higiene, por meio da divulgação intitulada de "Conselhos ao povo", nos jornais da época. A autora destaca que órgãos responsáveis pela saúde da população foram acusados de incompetência e incapacidade de combater a pandemia.

Entretanto, para outros, "o problema era diferente, tratava-se de uma questão eminentemente educacional." Instruções de higiene surgiam como dois grandes meios para se tentar acabar com a gripe no período crítico da epidemia" (MARTINS, 2003, p. 110). Educar por meio de prescrições médicas e atos de higiene, foram utilizados de forma sistemática pelos meios de comunicação da época, promovendo naquele momento práticas que consideramos educativas. Estas práticas "estão alicerçadas no tempo e no espaço, podendo ser exercida em ambientes formais e não formais. Ela não é uma ação que deriva de um conhecimento prévio, como acontece com certas engenharias modernas, mas sim uma atividade que gera cultura intelectual" (SACRISTÁN, 1995, p. 70). As práticas educativas são atividades que estão presentes

no nosso cotidiano e podem ser desenvolvidas por todos, independentemente do contexto, pois não necessitam de planejamento antecipado. Elas podem ser realizadas no ambiente escolar e fora dele. A difusão destas no contexto da *influenza* espanhola pode ter sido fundamental para a sociedade, principalmente para a população mais pobre, em sua maioria analfabeta.

A pandemia de gripe, em 1918, aconteceu durante os conflitos da Primeira Guerra, gerando sofrimento e insegurança. Nesse contexto, historiadores têm encontrado dificuldades em remontar a historiografia da epidemia, isto, pela ausência de políticas públicas de conservação, preservação e disseminação de arquivos históricos. E pelos discursos sobre a pandemia serem provenientes da classe dominante e da elite.

Acredita-se que, mesmo com as vivências de pandemias anteriores ao início do século XX, a gripe espanhola revelou o despreparo dos médicos e da ciência. Ao mesmo tempo, cientistas da área da saúde buscaram conhecimentos sobre outras pandemias para ampliar seus estudos e educar as pessoas. A presença de embates entre médicos na defesa de suas teses para o melhor e eficaz tratamento para espanhola é significativa. Todavia, acrescido de uma linguagem que facilitasse o entendimento para a população, deixando de lado o hermetismo.

Contudo, os episódios de desinformação se perpetuaram durante a pandemia, causando incertezas. Parece ser possível conter as falsas notícias através de formação em saúde e alinhado a ciência, principalmente por profissionais da área. Assim como as práticas educativas de higiene pessoal e procedimentos profiláticos foram adotados como importantes medidas de contenção da gripe.

Desse modo, a educação exerce protagonismo, quando cede seus espaços físicos e atores para executar medidas de enfrentamento da infecção. A colaboração de instituições privadas e religiosas auxiliou na obtenção de medidas sanitárias, principalmente de classes marginalizadas pelo poder público. Por fim, é sabido que, em meio ao elevado número de óbitos, em sua maioria entre a população com 20 a 40 anos, as crianças também sofreram as consequências, pois as políticas para infância caminhavam a passos lentos e havia poucas instituições de apoio, muitas sem o auxílio do governo.

Portanto, é interessante perceber, a partir da leitura dos artigos citados, que a maioria dos pesquisadores é de doutores e doutorandos participantes de Programas de Pós-graduação em Educação, História e Saúde Pública das universidades Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina e Paraná. Dentre as pesquisas, uma pesquisadora é mestranda em História. Cinco artigos são estudos de autoria e/ou coautoria da historiadora Liane Maria Bertucci Martins que contribui para o debate acerca da educação e instrução da população no período da pandemia de 1918.

As práticas educativas desenvolvidas no contexto da pandemia de 1918 incluem na prática pedagógica o campo médico-higienista. Porém é necessário explorar como aconteciam as práticas

educativas diretamente com as crianças naquele contexto. Notamos ainda que a preocupação com a infância no início do século, realçava os ideais higienista importados tanto dos países europeus, como dos norte-americanos e sinaliza a preocupação médica em propagar as pesquisas científicas envoltas do tema infância.

A desinformação é um mecanismo que esteve presente nas pandemias de gripe espanhola e Covid-19. Discutir os impasses ocasionados por ela é essencial, no entanto, precisamos avançar nas medidas educativas concretas de intervenção mencionadas no artigo. É preciso tornar evidente as medidas educativas e como os profissionais de saúde serão abordados para realização de tais intervenções.

Embora a gripe espanhola tenha ocasionado transformações temporárias em escolas de algumas cidades, como é o caso do Rio de Janeiro e São Paulo, ainda é necessário explorar como a gripe foi abordada nos espaços educativos nas cidades do interior, especialmente aquelas mais carentes de serviços básicos de saúde e saneamento.

O estudo avança quando revela que a história da gripe espanhola ainda se apresenta como campo a ser explorado por historiadores, principalmente ao possibilitar a comparação das ideias e modelos de saúde propostos, executados ou não pela agenda sanitária paulista na Primeira República. Assim como sinalizam as contradições elencadas para desconstrução das ideias que dificultam a compreensão do passado e o enfrentamento das injustiças constitutivas ao longo da formação sócio-histórica, tais como a desigualdade, o racismo e as diferenças regionais. Porém, necessita-se aprofundar os estudos que possibilitem perceber tais injustiças ao longo da formação sócio-histórica.

A epidemia de gripe ampliou as desigualdades sociais, além disto, demonstrou que a maior parte da população, especialmente os pobres carecia de instrução. Naquele momento, profissionais de saúde enfrentaram as debilidades das políticas educacionais, pois a população era carente de saber formal e o analfabetismo assolava o país. Médicos e enfermeiros travaram uma batalha para educar a população com práticas educativas de higiene que pudessem diminuir os riscos de infecção por gripe. Tanto através dos impressos, na adoção de uma linguagem menos especializada, quanto por meio ações educativas utilizadas em epidemias anteriores a gripe espanhola.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Entre o final do século XIX e início do XX, os ideais republicanos circulavam pelo país. Adeptos do regime, acreditavam na emancipação do povo por meio da educação, visando colmatar o analfabetismo. Além disso, boa parte da população vivia sem condições sanitárias e de higiene básicas. O ensino primário se popularizava vagarosamente, deixando jovens e crianças marginalizados e sem instrução. Com a chegada da pandemia de gripe espanhola, as desigualdades sociais se ampliaram, sendo a população pobre a mais

vulnerável às mazelas da doença.

Buscar estudos sobre a pandemia ocasionada pela gripe espanhola e as relações com os processos educativos, ainda representa um desafio. E apesar de encontrar estudos que abordem os impactos da pandemia de 1918 para a educação, a maioria utiliza os dados da área da medicina, identificando o número de mortos, as decisões políticas, práticas de cura e a história da pandemia, deixando lacunas quanto a problematização da educação no contexto da gripe.

Neste estudo, percebe-se uma quantidade considerável de artigos duplicados no Portal da CAPES, fator que dificultou o processo de revisão bibliográfica. Todavia, a partir da análise da produção historiográfica, é possível perceber que estudiosos do assunto sinalizam que a pandemia provocou transformações em diferentes ambientes de aprendizagem, formais, não formais e informais, ocasionando impactos momentâneos e outros duradouros. Caracterizam-se como impactos momentâneos ou efeitos transitórios aqueles que duraram somente no período de disseminação letal da doença. Entre os impactos momentâneos destacam-se a paralisação das aulas, a transformação das escolas em postos de socorro, a atribuição de novas funções aos profissionais da educação para suprir a carência de profissionais da saúde no atendimento à população doente, o fomento de práticas educativas para a população se proteger da doença, linguagem acessível para a população sobre a doença, também ao uso de experiências de pandemias anteriores como reflexo para tomar decisões mais assertivas quanto as medidas sanitárias a serem adotadas.

Quanto aos impactos duradouros ou efeitos duráveis, caracterizam-se aqueles que aparecem e seguem após o período pandêmico, ou seja, as medidas tomadas em virtude das consequências da propagação da doença. Como é o caso da criação do asilo em Curitiba e no Paraná para acolher órfãos de vítimas da doença.

Ressalta-se que a crise sanitária demonstra, naquele momento, necessidade de políticas públicas de proteção à infância, uma vez que este público sofreu consequências graves. Na educação, foi notório o quanto o índice de analfabetismo dificultava o entendimento de práticas de higiene e cuidados, veiculados pelos jornais. Entretanto, quanto ao acesso a estes, é preciso problematizar, pois os periódicos, possivelmente eram de acesso principalmente da elite. Como ter certeza de que práticas educativas veiculadas pelos jornais chegaram à população marginalizada pelo estado?

A crise sanitária por gripe espanhola deixou expostas vulnerabilidades sociais, fragilidade de políticas públicas em saúde e educação ampliou as desigualdades sociais. Os estudos corroboram a debilidade de medidas de contenção da pandemia, e fornecem elementos implícitos, para afirmar que a educação pode auxiliar no controle de epidemias, por meio de práticas educativas, desde que essas sejam divulgadas e apreendidas pela população.

Os arquivos e acervos de memórias coletivas têm importante papel na construção do conhecimento

histórico e na desconstrução de ideias e notícias falsas, que dificultam o desenvolvimento do trabalho dos profissionais da saúde. Porém, quando buscam uma formação contínua baseada em saberes científicos, os efeitos das notícias sem embasamento científico podem diminuir consideravelmente. É fundamental que se aprofunde o conhecimento sobre os impactos das pandemias na educação, no intuito de que se compreenda quais respostas e quais sujeitos auxiliam para as transformações das práticas educativas durante os períodos de crise sanitária.

## REFERÊNCIAS

ALONSO, Wladimir J; NASCIMENTO, Francielle C; ACUÑA-SOTO, Rodolfo; SCHUCK-PAIM, Cíntia; MOLEIRO Marcos A. A pandemia de influenza de 1918 em Florianópolis: uma cidade subtropical no Brasil. *Revista Vaccine*, 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.vaccine.2011.02.047>> Acesso em 10 de jan. 2024.

[ARAÚJO, Maria Fernanda](#). Gripe espanhola (1918-1919): análise da gestão da epidemia no estado de Santa Catarina. (dissertação) Unesc, 2022. Disponível em: <[UNESC: Gripe espanhola \(1918-1919\): análise da gestão da epidemia no estado de Santa Catarina](#)> Acesso em 20 de fev. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Decreto n.º 913 de 22 de abril de 2022**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 2022. Disponível em: <[Portaria-913-22-MS \(planalto.gov.br\)](#)> Acesso em 10 de fev. 2024.

BRITO, N. A. de. La dansarina: a gripe espanhola e o cotidiano na cidade do Rio de Janeiro, 1997. *Revista História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, vol. 4, p. 11–30. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-59701997000100002>> Acesso em mai. 2023.

[EL-DINE, Lorena Ribeiro Zem; MELLO, Vanessa](#). A gripe espanhola como lição”: a pandemia de 1918-1919 nos jornais “O Globo” e “Folha de S. Paulo” (1941-2020), 2021. *Revista NUPEM*, Vol. 13. Disponível em: <[10.33871/nupem.2021.13.29.13-35](#)> Acesso em 20 de mai. 2023.

FIGUEREDO, Eluana Borges Leitão De; RODRIGUES, Roberta Mariana Da Costa; PONTES Karina Castro Teixeira; OLIVEIRA, Marcela Teixeira De; OLIVEIRA, Juliana Taveira; SOUZA, Lilian De. Influenciadores Da Desinformação Nas Pandemias De Gripe Espanhola E Covid-19: Um Estudo Documental. *Revista Brasileira De Educação Médica*. Vol. 46.2, 2022. Disponível em: <[scielo.br/j/rbem/a/vB86wyBcynHNkvVXPzdhB6g/?format=pdf&lang=pt](#)> Acesso em 10 de mai. 2023.

GARCIA, Carlos Marcelo. Desenvolvimento Profissional Docente: passado e futuro. 2009. *Sísifo*. *Revista de Ciências da Educação* · n.º 8 · jan/abr 09, p.07-22. Disponível em: <[Desenvolvimento Profissional Docente: passado e futuro | Marcelo | Sísifo \(ulisboa.pt\)](#)> Acesso em 15 jun. 2023.

GRACINO, Eliza Ribas *et al.* A pandemia e a educação na escola pública: a dualidade do ensino e a diferença das classes sociais. *Revista HISTEDBR On-line*, v. 21, p. e021049-e021049, 2021. Disponível em: <[Vista do A pandemia e a educação na escola pública | Revista HISTEDBR On-line \(unicamp.br\)](#)> Acesso em 19 de abr. 2023.

KOLATA, Gina. **Gripe**: a história da pandemia de 1918; tradução de Carlos Humberto Pimentel D. da Fonseca. Rio de Janeiro: Record, 2002.

KUHLMANN, JR. M. **Infância e educação infantil**: Uma abordagem histórica.

Porto Alegre: Mediação, 2015.

LUCA, Tânia Regina de. **Práticas de pesquisa em história**. 1ª Ed. São Paulo: Contexto, 2021.

MARTINS, Liane Maria Bertucci. “Ciências Da Cura: Debates, Embates, Educação Popular No Final Dos Anos 1910.” Esboços, 2007. Disponível em: <[Vista do Ciências da cura: Debates, embates, educação popular no final dos anos 1910 \(ufsc.br\)](#)> Acesso em 12 de fev. 2024.

\_\_\_\_\_. "Conselhos ao povo": educação contra a influenza de 1918. Cadernos Cedes, v. 23, n. 59, 2003, p. 103-118. Disponível em: <[\P02\scielo\Ativo\ccedes\v23n5](#)> Acesso em 01 de mai. 2023.

\_\_\_\_\_. Entre doutores e para os leigos: Fragmentos do discurso médico na influenza de 1918 Among Doctors and for the Lay: Fragments of the Medical Discourse during the 1918 Flu Epidemic. História, Ciências, Saúde--Manguinhos, 2005. Disponível em: <[Dossie LIANE MARIA BERTUCCI-MARTINS.p65 \(scielo.br\)](#)> Acesso em 01 de mai. 2023.

\_\_\_\_\_. **Influenza, a medicina enferma**: ciência e práticas de cura na época da gripe espanhola em São Paulo. Campinas: Editora Unicamp, 2004. Disponível em: <[scielo.br/j/csp/a/q6Rpm7t3QqbZNthQKqWxMLj/?format=pdf&lang=pt](#)> Acesso em de mai. 2023.

\_\_\_\_\_. Memória que educa: Epidemias do final do século XIX e início do XX. Educar Em Revista, vol. 25, 75-89, 2005. Disponível em: <[Educar 25.pdf \(scielo.br\)](#)> Acesso em 10 de mai. 2023.

MARTINS, Liane Maria Bertucci; SILVA, Silvana C H P da. A Gripe, Os órfãos E a Educação Para O Trabalho No Asilo São Luiz De Curitiba (1918-1937). Revista Brasileira De História Da Educação, 2014. Disponível em: <[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S223800942014000200](#)>. Acesso em 10 de mai. 2023.

MAUAD, Ana Maria. Flagrantes da “Hespanhola”: A epidemia de influenza na imprensa ilustrada do rio de Janeiro em 1918. Brasiliana:Journal for Brazilian Studies.v. 09, n. 01, 2020. Disponível em: <[http://dx.doi.org/10.25160/bjbs.v9i1.119938](#)>. Acesso em 10 de mai. 2023.

OLIVEIRA, Carla de; SILVA, Rayane Jéssica Aranha da; SERAFIM, Tania Maria. Pandemias e Infância: Um olhar para a pequena infância nas crises sanitárias (1918-2020) na perspectiva da cultura Material. Revista Brasileira de História Da Educação, vol. 24, 2024. Disponível em: <[https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/65](#)> Acesso em 20 de fev. 2024.

RIBEIRO, Anna Cristina Rodopiano de Carvalho; MARQUES, Maria Cristina da Costa; MOTA, André. A gripe espanhola pela lente da história local: arquivos, memória e mitos de origem em Botucatu, SP, Brasil, 1918. Interface-Comunicação, Saúde, Educação, v. 24, 2020. Disponível em: <[pt \(scielosp.org\)](#)> Acesso em 18 de abr. 2023.

ROSENBAUM, Paulo. **Homeopatia: Medicina Sob Medida**. São Paulo: Publifolha, 2005.

SACRISTÁN, J. G. Contextos de determinação da prática profissional. In: NÓVOA, A. (Org.). **Profissão Professor**. Porto: Porto Editora, 1995. p. 63-88.

SANTOS, Ademir Valdir. Escolas como postos de socorros: instituições escolares na epidemia de gripe espanhola no Rio de Janeiro (1918). Revista Brasileira de História, v. 41, p. 281-303, 2021. Disponível em: <[MONTAGEM - RBH n87 v41 maio-agosto.indb \(scielo.br\)](#)> Acesso em 19 de abr. 2023

SANTOS, Rita de Cássia Grecco dos; VARGAS, Francisco Furtado Gomes Riet; VARGAS, Gabriela Caceres Riet. Educação em tempos de pandemia: uma narrativa da gripe espanhola à COVID-19. Missões: Revista de Ciências Humanas e Sociais, v. 6, n. 2, 2020. Disponível em: <[Vista do EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: UMA NARRATIVA DA GRIPE ESPANHOLA À COVID-19 \(unipampa.edu.br\)](#)> Acesso em 18 de abr. 2023.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **A bailarina da morte: a gripe espanhola no Brasil**. Companhia das Letras, 2020

SILVA, Silvana Cristina Hohmann Prestes da. De órfãos da gripe a trabalhadores: o asilo São Luiz de Curitiba, 1918-1937. Universidade Federal do Paraná. (dissertação), 2010. Disponível em: < <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/handle/1884/24946?show=full> > Acesso em 20 de fev. 2024.

TONIOLO, João Neto. **A história da gripe: a influenza em todos os tempos e agora**. São Paulo: dezembro Editorial, 2001.

VENÂNCIO JUNIOR, A. L.; MIGNOT, Venancio A. C. O Pandemônio de 1918: Testemunho de um médico para a posteridade. Revista Educação Em Questão, 2020. Disponível em: < <https://doi.org/10.21680/1981-1802.2020v58n58ID21540> > Acesso em 10 de fev. 2024